



DOSSIÊ HISTÓRIA DIGITAL E HISTÓRIA DIGITAL DA EDUCAÇÃO

O fazer historiográfico digital e a perspectiva de trabalho do Repositório Digital Tatu, Unipampa-Bagé (RS)

Digital historiographic making and the work perspective of the Tatu Digital Repository, Unipampa-Bagé (RS)

La realización historiográfica digital y la perspectiva laboral del Repositorio Digital Tatu, Unipampa-Bagé (RS)

Alessandro Carvalho

Bica¹

orcid.org/0000-0003-2532-5007
alessandro.bica@unipampa.edu.br

Simôni Costa Monteiro

Gervasio²

orcid.org/0000-0003-1554-1726
simoni.cm87@gmail.com

Recebido: 18 ago. 2024.

Aprovado: 16 jun. 2025.

Publicado: 13 abr. 2026.

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir as possibilidades, potencialidades e limitações do fazer historiográfico em pesquisas que utilizam acervos digitais tendo como escopo o trabalho desenvolvido no Repositório Digital Tatu, iniciativa executada pelo Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos (PHERA), da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Bagé (RS). O texto parte, então, de problematizações necessárias sobre as novas perspectivas de interpretação do fazer historiográfico vinculadas ao campo digital, reforçando a importância de estratégias de digitalização e divulgação realizadas por meio de repositórios digitais; por fim, discutirá as possibilidades de trabalho para o historiador a partir de repositórios digitais por meio de relatos de experiência coletados em uma pesquisa nacional, realizada por meio de formulário digital. Preliminarmente, argumenta-se sobre a importância de problematizações sobre novos rumos e possibilidades do fazer historiográfico, tendo como campo de estudos a História Digital da Educação, e que representam um potencial objeto de pesquisa e investigação, que, com rigor científico e metodológico, frutificam a atuação do pesquisador da História da Educação.

Palavras-chave: História Digital da Educação; fazer historiográfico; repositórios digitais.

Abstract: This article aims to discuss the possibilities, potential, and limitations of historiographical work in research using digital collections, focusing on the work developed in the Tatu Digital Repository, an initiative carried out by the Research Group in History of Education, Digital Repositories and Historical Collections (PHERA) at the Federal University of Pampa (Unipampa), Bagé campus (RS). The text begins with necessary problematizations regarding new perspectives on interpreting historiographical work linked to the digital field, reinforcing the importance of digitization and dissemination strategies carried out through digital repositories. Finally, it will discuss the possibilities for historians working with digital repositories through experience reports collected in a national survey conducted using a digital form. Preliminarily, it argues for the importance of problematizing new directions and possibilities for historiographical work, with the Digital History of Education as a field of study, representing a potential object of research and investigation that, with scientific and methodological rigor, enriches the work of the History of Education researcher.

Keywords: Digital History of Education; make historiography; digital repositories.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo discutir las posibilidades, el potencial y las limitaciones del trabajo historiográfico en la investigación con colecciones digitales, centrándose en el trabajo desarrollado en el Repositorio Digital Tatu, una iniciativa del Grupo de Investigación en Historia de la Educación, Repositorios Digitales y Acervos Históricos (PHERA) de la Universidad Federal



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

¹ Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

de Pampa (Unipampa), campus de Bagé (RS). El texto comienza con problematizaciones necesarias sobre nuevas perspectivas de interpretación del trabajo historiográfico vinculado al campo digital, reforzando la importancia de las estrategias de digitalización y difusión realizadas a través de repositorios digitales. Finalmente, discutirá las posibilidades para los historiadores que trabajan con repositorios digitales a través de relatos de experiencia recopilados en una encuesta nacional realizada en formato digital. Preliminarmente, argumenta la importancia de problematizar nuevos rumbos y posibilidades para el trabajo historiográfico, con la Historia Digital de la Educación como campo de estudio, representando un objeto potencial de investigación que, con rigor científico y metodológico, enriquece el trabajo del investigador en Historia de la Educación.

Palabras clave: Historia Digital de la Educación; hacer historiografía; repositorios digitales.

1 Introdução

Estudos e pesquisas do campo da História da Educação são, invariavelmente, demarcados pelo tempo histórico a que pertencem. Repete-se à exaustão a importância do contexto histórico, da análise das marcas do tempo e da compreensão dos processos históricos que compõem os fatos estudados. Nesse contexto, a era digital, à qual estamos submetidos na atualidade, avança e influencia também o fazer historiográfico, promovendo debates e novas formas de contato e manipulação de fontes documentais que assumem novas materialidades à medida que se discutem estratégias e critérios para a aplicação do rigor metodológico necessário para as pesquisas do campo.

Assim, este artigo objetiva uma discussão sobre o fazer historiográfico no contexto das possibilidades de ação e atuação para a pesquisa e a produção de conhecimento no campo da História da Educação com o advento da História Digital da Educação e, principalmente, por meio do trabalho de repositórios digitais. Como campo empírico da pesquisa, utilizou-se o caso prático do Repositório Digital Tatu³, vinculado à Universidade Federal do Pampa (Unipampa), *campus* Bagé (RS), por meio do trabalho do Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositóri-

os Digitais e Acervos Históricos (PHERA), como forma de problematizar as possibilidades de ação e atuação desses espaços de divulgação e armazenamento de documentos históricos, para demonstrar sua capacidade de fomento ao fazer historiográfico na perspectiva digital.

O Repositório Digital Tatu se caracteriza como um espaço virtual para armazenamento de fontes documentais ligadas à História da Educação, considerando a tipologia dos documentos tradicionais digitalizados, como revistas, cartilhas, livros, fotografias, relatórios, etc., e assim se trata de um acervo digital. A escolha pelo nome do repositório faz referência ao Tatu Mulita, animal típico do bioma pampa, de faro apurado e que se alimenta cavoucando por suas caças. A escolha do Tatu Mulita é uma analogia ao trabalho do historiador, que precisa buscar localizar suas fontes, muitas vezes em processos de garimpagem e motivado por sua intuição de pesquisador.

Como fomento para a discussão, realizou-se também uma pesquisa nacional que buscou, por meio de um formulário *on-line*, coletar impressões e experiências de pesquisadores em diferentes níveis de formação sobre pesquisas realizadas em acervos digitais, com a intenção de problematizar as novas formas e possibilidades do fazer historiográfico na era digital. No total, foram recebidas 28 respostas, que serão apresentadas e problematizadas no decorrer deste texto. Pode-se antecipar que a ampliação do contato com fontes e objetos de pesquisa, promovida pelos repositórios digitais, tem impactado a produção do campo e influenciado fortemente o fazer historiográfico a partir do contato com novas possibilidades fruto das tecnologias da informação e da comunicação.

De acordo com a perspectiva adotada em nosso estudo, consideram-se as ideias de Certeau (1982) sobre o fazer historiográfico, as proposições de Santos (2021) e Vidal (2002) para a conceituação do campo da História Digital da Educação, de Farge (2009) sobre o trabalho do historiador

³ Disponível em: <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/>. Para mais informações sobre a criação e constituição do repositório, ver: GERVASIO, Simôni Costa Monteiro; BICA, Alessandro Carvalho; RODRIGUES, Tobias de Medeiros. A constituição técnica e teórica do Repositório Digital Tatu. *Cadernos de História da Educação*, [s. l.], v. 20, p. e030, 2021. DOI: [10.14393/che-v20-2021-30](https://doi.org/10.14393/che-v20-2021-30). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/60378>. Acesso em: 19 abr. 2025.

no contato com os documentos, além de se utilizar outros autores para as articulações teóricas necessárias para leitura e interpretação dos dados coletados na pesquisa realizada. A seguir, passa-se ao embasamento teórico necessário e, na sequência, à apresentação da pesquisa.

2 O fazer historiográfico digital: o uso de/os repositórios digitais

Importante, então, iniciar a discussão pela ideia de História Digital da Educação, a qual se baseia na percepção de que a era digital tem introduzido mudanças na forma como entendemos, produzimos, ensinamos e compartilhamos o conhecimento histórico, estipulando uma nova relação entre a história e a tecnologia com o advento, por exemplo, dos repositórios digitais, entendidos como espaços de armazenamento de dados, fontes, documentos e acervos históricos digitalizados. Neste contexto, a tecnologia atravessa questões teóricas e práticas do fazer historiográfico, fazendo necessária a discussão metodológica sobre os processos de manuseio e organização de tais acervos.

Antes de iniciar a discussão, faz-se importante contextualizar sobre a tipologia dos documentos digitais. Eiroa (2018) discute o impacto do mundo digital na prática historiográfica, especialmente a partir das "fontes nascidas digitais", entendidas como documentos, imagens, vídeos e interações que já surgem no ambiente digital, e não são apenas digitalizações de fontes analógicas. A outra opção de tipologia documental está posta no sentido dos documentos que nascem físicos e passam por um processo de digitalização. A autora destaca que a história e a tecnologia manifestam-se, na atualidade, em diversas nuances humanas, que desafiam os modelos clássicos de compreensão, apontando como principais dificuldades a volatilidade das fontes digitais, a abundância e a desorganização de informações.

Em contrapartida, a autora cita a potencialidade da hipertextualidade⁴, do multimídia⁵ e da interatividade como características do digital.

Todas essas características estão postas a partir do que Santos (2021) define como a História Digital: "uma área que visa produzir, divulgar e interpretar a História a partir de métodos e ferramentas digitais e reflete sobre os impactos do digital na escrita da História", para fazer referência à obra de Farge (2009)⁶ e discutir que a ideia de arquivo, seus formatos, possibilidades e "sabor" estão em transformação e ampliação à medida que "[...] não se restringem mais apenas aos espaços com armários, caixas e papéis. Hoje é possível consultar um bom número de fontes de maneira rápida e realizar sua leitura por meio da tela de um computador, sem sair de casa" (Santos, 2021, p. 8).

Nessa perspectiva, o fazer historiográfico citado por Farge (2009), diretamente atrelado à materialidade do documento e que significa um paralelo de representações daquilo que apresenta, precisa ser revisitado. A autora, ao descrever que os arquivos físicos apresentam um mundo que mistura rituais e conhecimentos "onde a cor das fichas, a austeridade dos arquivistas e o cheiro dos manuscritos servem de balizas para um mundo iniciático" (Farge, 2009, p. 55), inquieta sobre a importância e a necessidade de se pensar as especificidades, os processos de organização, digitalização e guarda de documentos que não nascem digitais mas assumem essa materialidade e, nesse sentido, também apresentam um paralelo de representações, potencialidades e limitações.

No mesmo sentido, pode-se observar a definição de operação historiográfica delimitada por Certeau (1982, p. 77), para quem "cada sociedade pensa historicamente com os instrumentos que lhe são próprios" a fim de destacar a necessidade de problematização do trabalho

⁴ Entendida como uma estrutura não linear do texto que permite a navegação por *links* semelhantes e complementares.

⁵ A combinação de texto, imagens, áudios, vídeos, etc.

⁶ O livro *O sabor do arquivo*, de Arlette Farge (2009), narra a sua experiência apaixonada por pesquisas em arquivos físicos (bibliotecas), descrevendo seu prazer em ocupar esses espaços e vivenciar suas possibilidades. Pela "austeridade dos arquivistas" destacada pela autora, é possível empreender que ela refere-se aos critérios de organização impostos pelos preceitos do arquivismo e pelo trabalho desenvolvido pelos respectivos profissionais de modo a dar "sentido", "qualidade" e "caráter" aos arquivos organizados.

realizado pelos repositórios na era digital em termos de organização e disponibilização dos acervos. No caso prático do Repositório Digital Tatu, trabalha-se na perspectiva dos “extratos de materialidade” (Bica; Gervasio; Rodrigues, 2023), como uma iniciativa que visa oferecer ao pesquisador informações detalhadas sobre o documento original, com o objetivo de ampliar a experiência do pesquisador com o documento. Assim, é realizada

[...] descrição detalhada do documento, incluindo o tipo de papel, tamanho do documento, número de páginas, estado de conservação, lugar em que foi localizado, onde é feita a salvaguarda do original e toda e qualquer informação adicional possível de ser percebida durante o manuseio do arquivo e que pode interessar ao pesquisador. Todas essas informações fazem parte dos cuidados que qualquer documento precisa receber ao passar pela triagem, limpeza e catalogação para compor um acervo digital, podendo ser disponibilizadas na ficha catalográfica digital, gerada pelo acervo e anexada ao documento (Bica; Gervasio; Rodrigues, 2023, p. 9).

Tal procedimento se alinha às argumentações de Vidal (2002) sobre a importância de preparo e reflexão sobre as mudanças que os processos de digitalização de acervos trazem e, principalmente, porque é preciso manter o cuidado de manuseio, manipulação de fontes e seus devidos processos de organização. Para a autora, é preciso “[...] compreender que a existência das novas tecnologias não determina que antigos procedimentos sejam abandonados. Organização, catalogação, descarte são operações necessárias até mesmo para a indexação de informações no meio digital” (Vidal, 2002, p. 61).

Para a manutenção do Repositório Digital Tatu, além de questões práticas de ordem da área da tecnologia da comunicação e informação (TCI)⁷, são discutidas e realizadas operações para a garantia do objetivo final do repositório: de ser um espaço de preservação, conservação e divulgação de fontes, documentos e materiais relacionados à História da Educação. Assim, são

realizados processos de triagem, catalogação, limpeza e digitalização dos materiais, entendidos como fundamentais para a qualidade e a segurança do trabalho realizado, em relação à conservação e à oferta de informações seguras aos pesquisadores e, por fim, garantindo que as imagens disponibilizadas (resultantes desses processos) não passem por nenhum tipo de alteração ou manipulação que as modifique em relação ao original. Inclusive, o que se busca é uma experiência mais próxima do documento real e, por isso, não é utilizado nenhum tipo de filtro ou edição de imagens; ademais, todas as páginas (incluindo as em branco ou com problemas físicos) são digitalizadas e compõem o documento final, sempre disponibilizado no formato completo, em documento único. Assim, evita-se a sua fragmentação.

Rodrigues (2020, p. 101) contribui ao realizar um balanço geral sobre o trabalho do Repositório Digital Tatu:

Contudo, considerando as condições teóricas e técnicas que compõem o trabalho desenvolvido pelo Repositório Digital Tatu, é possível compreender que a iniciativa representa uma importante ferramenta interdisciplinar, interativa, acessível e inovadora que busca ser capaz de preservar as memórias da História da Educação, constituindo-se em um ambiente digital para a preservação da memória do ensino, que possibilita que obras impressas sejam armazenadas no formato digital, gerando grandes vantagens no acesso aos documentos por pesquisadores e público em geral. Assim, ao mesmo tempo em que o Repositório Digital Tatu desponta na direção de um ambiente apropriado para armazenar os documentos eletrônicos resultantes do processo de digitalização, contribuindo de forma direta para a divulgação do acervo e para a preservação dos originais poupando-os dos desgastes causados pelo uso, ele também representa uma ferramenta para o ensino e para a pesquisa em História da Educação, a qual aproxima alunos e pesquisadores de suas fontes, criando alternativas para a pesquisa. Contribuindo para o fortalecimento de possíveis conhecimentos gerados a partir de fontes documentais, ainda não exploradas, ou, já bastante visitadas, como é o caso das Revistas do Ensino do Rio Grande do Sul, mas que demonstram seu potencial em proporcionar novos olhares e possibilidades

⁷ Tecnologias da informação e comunicação se referem ao papel da comunicação na moderna tecnologia da informação. Entende-se que TICs são todos os meios técnicos usados para tratar a informação e auxiliar na comunicação, o que inclui o *hardware* de computadores, rede e telemóveis.

de estudo e, assim, favorecendo a produção de novos conhecimentos.

Nessa perspectiva, pode-se perceber que entre os intentos do Repositório Digital Tatu está a busca por proporcionar uma experiência ao historiador que navega pelos seus documentos; à medida que se mantêm com o historiador a responsabilidade e o dever de operar os acervos com os cuidados metodológicos necessários para a garantia do fazer historiográfico seguro e atento às peculiaridades, aos contextos e às informações que os documentos contêm. Santos (2021) lança mão de argumentos de historiadores como Chartier (2002), Darnton (2010), Le Goff (2013) e Vidal (2021) para discutir as possibilidades da pesquisa em História da Educação em acervos digitais; conclui que será sempre do historiador a responsabilidade de questionar o documento, explicitar e operar com os métodos e as ferramentas tecnológicas em suas pesquisas para a contextualização e a interpretação dos dados, e garantir um olhar atento, "entendendo que nenhum documento é neutro" (Santos, 2021, p. 16).

Ainda, pode-se considerar que o trabalho do historiador depende dos "[...] traços que foram deixados, nos vestígios não apagados, que dizem algo sobre a vida das pessoas e sobre as relações que elas estabeleceram entre si [...]" (Galvão; Lopes, 2010, p. 10) para se argumentar pela estratégia de preservação que os acervos digitais, na perspectiva da História Digital, agregam à discussão, uma vez que a digitalização significa uma oportunidade de diminuição do manuseio dos originais e, assim, atua para a sua preservação ao mesmo tempo que garante o acesso e a circulação para fins de ensino e pesquisa. No mesmo sentido, Pesavento (2003, p. 42) argumenta pelo trabalho do historiador de leituras de outros tempos: "A rigor, o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não-visto, o não-vivido, que só se torna possível de acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele".

Porém, é necessário não perder de vista que os documentos digitais também podem enfrentar problemas tecnológicos que podem impactar na

sua preservação e, neste sentido, a manutenção dos originais representa uma garantia contra a perda. É neste sentido que é sempre importante reafirmar: o trabalho dos repositórios digitais e, exemplificadamente, do Repositório Digital Tatu não significa o abandono dos acervos físicos ou das discussões sobre as estratégias de preservação, mas uma ação complementar ou alternativa.

[...] digitalizar fontes e documentos históricos não significa deixar de cuidar e problematizar a salvaguarda dos seus originais. Ao contrário, a digitalização significa uma oportunidade de diminuição do manuseio dos originais e, assim, atua para sua preservação ao mesmo tempo em que garante o acesso e circulação do material para fins de ensino e pesquisa. Porém, é sempre necessário não perder de vista que os documentos digitais também podem enfrentar problemas tecnológicos, os quais podem impactar na preservação. Nesse sentido, a manutenção dos originais representa a garantia de que nada será perdido. Dessa forma, para além da simples discussão sobre a importância da materialidade dos documentos históricos, cabe destacar que a união de estratégias de preservação, lançando mão de todos os recursos possíveis, parece ser a estratégia mais adequada (Bica; Gervasio; Rodrigues, 2023, p. 5).

Com todos os argumentos apresentados, o olhar do historiador se amplia e complexifica. Entendendo essa perspectiva é que se buscou realizar uma pesquisa nacional por meio de formulário *on-line* que teve como objetivo investigar usos, potencialidades e diferenciações no uso dos repositórios digitais em pesquisas do campo da História da Educação com acervos digitalizados e disponibilizados nesses espaços de salvaguarda de documentos. Os dados da pesquisa passarão a ser discutidos na sequência deste artigo.

3 Usos e impressões em pesquisas por meio de repositórios digitais

A coleta de dados apresentada neste artigo contou com a participação de 28 pessoas que aceitaram voluntariamente o convite para responder um formulário *on-line* enviado para a lista de contatos da Secretaria da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). O primeiro dado apontado é o de que a coleta contempla as cinco regiões brasileiras, registrando respostas de pesquisadores residentes de sul a norte do país.

A maioria dos respondentes são estudantes de doutorado (10), seguidos de cinco pesquisadores com título de Doutor e outros cinco doutores e também orientadores de mestrado e doutorado. Outros quatro participantes são estudantes de mestrado, um mestre, e outros dois mestres e também orientadores de mestrado. Por fim, registrou-se a participação de um pesquisador

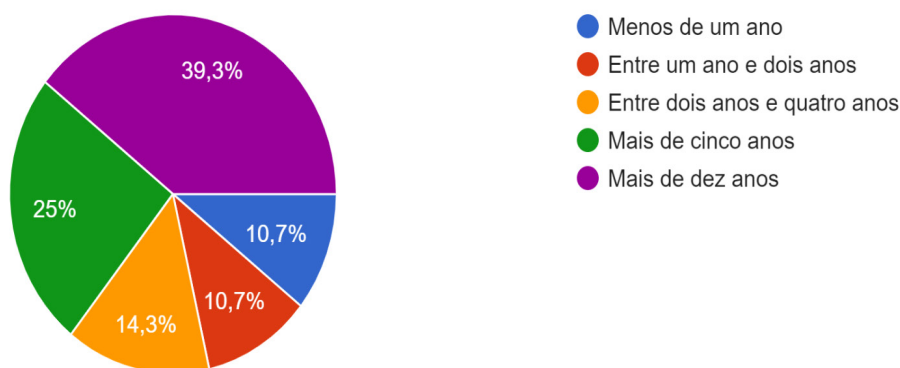
de iniciação científica.

Ainda em termos de caracterização dos participantes da pesquisa, há informações sobre o tempo de atuação em pesquisas do campo da História da Educação e a experiência com a realização de pesquisas em repositórios digitais, conforme é possível visualizar no gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 – Tempo de atuação dos pesquisadores participantes da pesquisa

Há quanto tempo realiza pesquisas no campo da História da Educação

28 respostas



Fonte: elaboração própria (2024).

Sobre a experiência com pesquisas em repositórios digitais, nenhum participante informou não ter interesse em realizar pesquisas em repositórios digitais, sendo que 13 informaram já ter realizado mais de cinco pesquisas em acervos digitais, e outros 13, já ter realizado até cinco pesquisas. Dois, no entanto, informaram nunca ter encontrado acervos digitais que lhes interessassem em termos de fontes de pesquisa. Esses dados demonstram que os participantes da pesquisa possuem boa experiência e *expertise* no trabalho com acervos digitais, além de trajetória acadêmica madura em estudos do campo da História da Educação.

É importante também destacar que todos os participantes informaram conhecer, pelo menos, um repositório digital e, entre os mais citados, destacam-se o próprio Repositório Digital Tatu, a Hemeroteca Digital Brasileira vinculada à Fundação Biblioteca Nacional, os bancos de dissertações e teses, e acervos estaduais da Bahia, de Minas Gerais, São Paulo, entre outros.

Antes de iniciar a discussão acerca de cada questão dissertativa proposta no questionário enviado, apresenta-se brevemente a relação completa das perguntas com o objetivo de balizar as discussões em sequência (quadro 1).

QUADRO 1 – Questões apresentadas pelo questionário enviado aos pesquisadores brasileiros do campo da História da Educação

- Qual a sua percepção sobre as potencialidades de pesquisas realizadas em acervos digitais?
- Qual a sua percepção sobre os desafios de realizar pesquisas do campo da História da Educação em acervos digitais?
- Percebe alguma limitação/problema que os acervos digitais ofereçam às pesquisas do campo da História da Educação? Exemplifique.
- Considerando a sua experiência como pesquisador, descreva as diferenças nos processos empíricos entre pesquisas realizadas em acervos físicos e pesquisas realizadas em acervos digitais.
- Qual a sua opinião, como pesquisador do campo da História da Educação, sobre a disseminação de repositórios digitais?
- Gostaria de deixar um comentário final?

Fonte: elaboração própria (2024).

A primeira questão dissertativa buscou investigar as impressões dos participantes sobre as potencialidades de pesquisas realizadas em acervos digitais, sendo que a maioria apontou como maior ponto positivo a facilidade e ampliação de acesso, além da diversificação dos objetos de pesquisa à medida que a oferta de fontes é ampliada e permite o cruzamento de fontes de

diferentes instituições e tempos históricos. Na mesma medida, os participantes apontaram os principais desafios enfrentados pelas pesquisas em acervos digitais (quadro 2) e que, por sua diversidade de informações e contribuição em termos de dados, interessam à transcrição completa de uma resposta para cada aspecto mencionado.

QUADRO 2 – Principais aspectos apontados a partir da questão “Qual a sua percepção sobre os desafios de realizar pesquisas do campo da História da Educação em acervos digitais?”

- 1- Maior possibilidade de acesso, menor exigência de tempo, de custos, maior facilidade de identificação de documentos, palavras-chave, categorias prévias.
- 2- Uma dificuldade material reside na qualidade da reprodução que dificulta a leitura, exigindo acesso aos documentos originais, por outro lado, utilizando-se tecnologias como OCR [Reconhecimento Ótico de Caracteres], a busca se torna mais rápida e mais fidedigna.
- 3- Leitura do arquivo digital, nem sempre a imagem está em boa qualidade. A demora para baixar arquivos.
- 4- Compreensão da lógica da organização dos acervos digitais e as intencionalidades presentes nessa organização. Além disso, compreender os critérios para as escolhas da digitalização e da disponibilização de algumas fontes e outras não.
- 5- Requer uma análise muito mais cuidadosa sobre a representatividade do documento em relação ao processo analisado, requer uma maior compreensão das diferentes escalas de análise, a confiança absoluta na ferramenta digital e isso impede, por exemplo, que a gente considere que a ferramenta não conseguiu mostrar um conjunto de documentos que poderiam fazer parte do nosso escopo, mas não está lá porque teve algum problema de configuração, busca, etc.
- 6- Há uma necessidade de maiores investimentos na acessibilidade, em formas de publicação e publicização de pesquisas através de acervos digitais.
- 7- Penso que, em qualquer tipo de acervo, o desafio para o pesquisador está na forma como a documentação está organizada, seja por tipo de documentos, seja por categorias; isso muitas vezes acaba influenciando o resultado da pesquisa, principalmente para os que têm pouca experiência.
- 8- Os arquivos digitais ainda apresentam baixo número de materiais digitalizados disponíveis para pesquisa.
- 9 - O desafio é que criamos a expectativa de que esses acervos estão completos, mas isso é uma ilusão. Quase sempre os dados estão incompletos.

Fonte: elaboração própria (2024).

O que se pode perceber é que as maiores inquietações estão relacionadas a questões de ordem técnica, como qualidade dos acervos, seja em suas formas de disponibilização (formato e legibilidade dos documentos), seja em relação à organização dos acervos e às possibilidades de busca por palavras-chave que apontam resultados confiáveis; ainda, há a questão da indisponibilidade de coleções completas, ordenadas e em quantidade suficiente para compor um corpo documental significativo para diferentes propostas de pesquisa. Esses aspectos demonstram como o trabalho dos repositórios digitais ainda precisa ser amadurecido também em questões

técnicas, com a busca de *softwares* que atendam melhor às expectativas de trabalho em termos de qualidade, organização e disponibilização, bem como o anseio pela ampliação dos acervos com mais documentos sendo digitalizados.

Ainda pensando em questões a resolver no trabalho desenvolvido pelos repositórios digitais, os participantes desta pesquisa apontaram de forma massiva a questão do quantitativo e da diversidade de documentos disponibilizados. A questão da materialidade dos documentos também foi apontada neste ponto da pesquisa, como se pode perceber na exemplificação de algumas respostas apresentadas no quadro 3, a seguir.

QUADRO 3 – Principais aspectos apontados a partir da questão “Percebe alguma limitação/problema que os acervos digitais ofereçam às pesquisas do campo da História da Educação? Exemplifique.”

- 1- Acredito que há uma preferência em digitalizar fontes consideradas de circulação geral, como os jornais. Seria importante haver um maior número de fotografias digitalizadas e documentos institucionais, por exemplo. [...] Fichas, cadernos, livros didáticos também seriam um material importante e, quase sempre, ausente.
- 2- Acho que o digital perde uma dimensão importante da materialidade do documento (tamanho, tipo do papel, cores, etc.) e do acervo. Acredito que ambas as informações compõem a nossa análise. Outra limitação é que alguns acervos digitais, os menos especializados, reúnem um conjunto muito grande de documentos de que não sabemos a origem. Ou seja, quem colocou, por que, de onde retirou aquele documento, etc.
- 3- A limitação é que ainda são pouquíssimos os acervos digitais quando se considera a grandiosidade de documentos de natureza diversificada produzidos por instituições escolares e não escolares no processo de educação no país. Por exemplo, acervos que são transformados em arquivos mortos de escolas e instituições que lidam com o ensino e a educação no país.
- 4- Toda pesquisa fica mais acessível quando o acervo pode ser consultado via OCR, em caso de textos. Nem sempre um documento está disponível com essa acessibilidade. Algumas vezes as opções de consultas são limitadas. Outras vezes os acervos são dispersos. Outras vezes se carece de profissional de áreas técnicas para assessorar o pesquisador nas instituições.
- 5- No tocante à publicação de pesquisas em acervos digitais, boa parte cobra valores altos para publicação de artigos e outras formas de divulgação de pesquisas. No tocante à acessibilidade, sobretudo para pessoas com deficiência, há a necessidade de maiores investimentos para tal fim.

Fonte: elaboração própria (2024).

A inquietação dos participantes da pesquisa quanto à quantidade de acervos disponibilizados pode ser entendida também pela perspectiva do anseio para que esses acervos recebam mais investimentos e sejam cada vez mais ampliados, seja em termos quantitativos, seja em termos qualitativos e técnicos, de forma a resolver questões como a materialidade e a qualidade dos materiais disponibilizados. A questão da pesquisa via Reconhecimento Óptico de Caracteres (OCR)

demonstra a preocupação dos participantes com a possibilidade de transformação das imagens digitalizadas em formato editável para que, entre outras questões, seja possível o uso de leitores de tela para acessibilidade dos documentos, além de facilitar as pesquisas nos textos com manipulação e organização das informações. As questões de acessibilidade são ainda um desafio e um campo a ser explorado para os repositórios digitais.

A seguir, buscou-se uma reflexão dos participantes da pesquisa acerca de uma comparação entre diferenças percebidas nos processos empíricos entre pesquisas realizadas em acervos físicos e pesquisas realizadas em acervos digitais (quadro 4), e que apontaram especialmente para

a experiência da vivência com os acervos, embora também se possa perceber um destaque especial à percepção de que o processo da pesquisa não se altera, apenas o suporte que proporciona relações diferentes.

QUADRO 4 – Principais aspectos apontados a partir da questão “Considerando a sua experiência como pesquisador, descreva as diferenças nos processos empíricos entre pesquisas realizadas em acervos físicos e pesquisas realizadas em acervos digitais.”

- 1- Nos acervos físicos o processo de leitura é diferente. Embora, em ambos, seja necessária a habilidade de uma leitura dinâmica, nos acervos físicos ela tem um ritmo inerentemente mais lento, sendo necessário percorrer todo o material. No acervo digital, há o recurso de uso de palavras-chave, o que confere um ganho de tempo. Entretanto, no acervo físico, a noção de totalidade dos acontecimentos do contexto pesquisado parece mais potente, pela própria característica da leitura anteriormente mencionada. Nos acervos digitais, é possível fazer buscas mais refinadas e ter mais clareza dos textos e das imagens – nem sempre somente a acuidade visual fisiológica dá conta de decifrar a palavra mais apagada, de perceber os detalhes das imagens, etc. O meio digital permite recapturar melhor assinaturas nas fotos, legendas em tamanho pequeno e outros detalhes importantes em certas análises.
- 2- A principal diferença foi a conversa com os outros pesquisadores sobre o que seria potencialmente encontrado e aquilo que não seria possível encontrar. Em vários momentos, me foram sugeridos acervos físicos (pessoais ou de associações) que requerem uma certa conduta para que eu fosse autorizada a acessá-los. Um caso específico foi de um acervo de uma família que, se eu me identificasse como pesquisadora amiga de outros pesquisadores, a família não iria disponibilizar os documentos porque eles consideravam que os pesquisadores “destruíram” a imagem do familiar com os textos que escreveram.
- 3- Muitos acervos físicos encontram-se deteriorados, não disponibilizados para o público, carecendo de cuidados urgentes, inclusive no processo de transferência para a preservação desses documentos em acervos digitais.
- 4- Os processos empíricos ainda possibilitam ao pesquisador desvendar um universo de fontes que os acervos digitais ainda não apresentam. A vantagem dos acervos digitais é a otimização do tempo para a pesquisa.
- 5- Nos acervos físicos há uma relação de descoberta dos documentos, uma relação de cumplicidade, descoberta e aproximação entre o leitor e os documentos. Nos acervos digitais está tudo ao alcance da mão, mas nem sempre saímos com a satisfação do encontro com os documentos, com a história do documento.

Fonte: elaboração própria (2024).

Percebe-se que os aspectos apontados estão diretamente relacionados com o contato físico com os documentos, o que pode ser interpretado como um processo distinto entre os participantes que, à medida que demonstram ansiar por ampliação da quantidade e qualidade dos acervos, percebem que a falta de contato físico com os originais limita a experiência da pesquisa. Inclusive, ao responder a questão seguinte proposta pelo formulário, um participante apontou a questão do contato físico com as fontes e com outros pesquisadores como uma das suas maiores angústias no trabalho com repositórios

digitais, que podem agregar mais sólido ao trabalho realizado. Os demais participantes, quando questionados a respeito da disseminação dos repositórios digitais, foram unânimes em apontar a importância desses espaços de disseminação de fontes documentais históricas.

Também se deve problematizar sobre as questões legais que permeiam a digitalização de documentos, já que é preciso considerar questões complexas, especialmente sobre direitos autorais, privacidade e autenticidade. A esse respeito, diversos pesquisadores do campo da História Digital da Educação e dos repositórios

digitais têm se debruçado para traçar as problematizações necessárias em busca de respostas ainda em suspenso. O consenso na área é pelo uso dos documentos de livre acesso e pela necessidade de consulta a legislações pertinentes,

como a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) e a Lei de Acesso à Informação (LAI).

A questão seguinte buscou as impressões dos pesquisadores sobre o uso dos repositórios (quadro 5).

QUADRO 5 – Principais aspectos apontados a partir da questão “Qual a sua opinião, enquanto pesquisador do campo da História da Educação, sobre a disseminação de repositórios digitais?”

- 1- Há uma alta relevância porque contribui para a preservação prolongada dos documentos e ainda o faz de maneira especializada, tendo a vista as fontes que, mais diretamente, se relacionam com o campo. Promove também uma democratização do acesso à informação – o que é muito importante dentro de uma discussão mais geral de produção do conhecimento em uma escala horizontal.
- 2- Frente às cobranças por produtividade, eles têm ajudado muito no desenvolvimento de pesquisa no prazo menor.
- 3- Acho importante que existam, pois ampliam as possibilidades de pesquisa, sobretudo em nível nacional. No entanto, creio que esse seja um tema de extrema relevância para debate entre os historiadores, pois deve-se ter critérios para a utilização das ferramentas e dos métodos de pesquisa, que podem ser limitadores de uma investigação mais completa.
- 4- Acho fundamental a transição dos repositórios físicos em digitais, pois é uma forma de democratização da memória e do conhecimento histórico. Pesquisadores e pesquisadoras em instituições com pouco recurso financeiro e distantes dos grandes centros urbanos, onde se encontram os acervos históricos do país, têm dificuldades para a realização de suas pesquisas. Julgo que, frente ao avanço tecnológico, de modo a problematizar os critérios de organização dos acervos e seus instrumentos de pesquisa, o campo da história tem muito a ganhar com os repositórios digitais.
- 5- Enquanto pesquisadora do campo da História da Educação, considero a disseminação de repositórios digitais já em curso em muitas instituições universitárias e de pesquisas e reivindico que sejam ampliados por meio de políticas de ciência, tecnologia e de preservação dos acervos em geral.

Fonte: elaboração própria (2024).

Por fim, alguns participantes usaram a pesquisa como oportunidade para reforçar sua impressão pela necessidade de ampliação da oferta de acervos digitais, bem como pelo debate sobre o uso, a manipulação e a disponibilização desses acervos pelos repositórios digitais, indicando as comunidades acadêmicas de programas de pesquisa ligadas à História da Educação como as principais responsáveis por propor, de forma conjunta, a elaboração de aporte legal que assegure a digitalização dos acervos.

O que se percebe, então, é que os participantes da pesquisa demonstram interesse pelas possibilidades de pesquisas a partir de documentos digitais, demonstram conhecimento na área e experiência em pesquisas em acervos de repositórios digitais, o que lhes permite realizar as problematizações e os apontamentos demonstra-

dos como modo de aprimorar as perspectivas de ação e possibilidades desses espaços de salvaguarda de documentos. Importante também perceber a atenção dada às questões e limitações tecnológicas que, à medida que representam um facilitador, apresentam problemas que precisam ser superados em termos de qualidade técnica dos documentos disponibilizados, de organização dos acervos e, principalmente, da quantidade de materiais digitalizados, que, em boa parte, não dão conta de coleções completas.

Ao mesmo tempo, os participantes são unânimes em afirmar as potencialidades dos repositórios digitais principalmente pela facilidade e agilidade das pesquisas, permitindo amplo acesso a diferentes acervos, sem necessidade de deslocamentos geográficos ou limitações de acesso por horários de funcionamentos dos

espaços físicos ou, ainda, pelo estado de conservação e pelas possibilidades de manuseio dos documentos. Inclusive, este parece ser um dos argumentos mais importantes para a digitalização dos acervos, que, quando aliados a políticas de preservação permanente, representam o livre acesso aos pesquisadores, garantindo a integridade física dos documentos.

A questão da materialidade é ainda o ponto mais sensível da discussão que envolve os documentos digitais, mas discussões amparadas no conceito de História da Digital da Educação podem representar um caminho metodológico importante à medida que garantem novas formas de fazer e compreender a operação historiográfica. E, neste aspecto, a iniciativa do Repositório Digital Tatu, por meio dos extratos de memórias expressos durante a catalogação dos documentos e disponibilizados aos pesquisadores, surge como uma primeira experiência para discussão como alternativa aos novos formatos da materialidade digital.

Contudo, a pesquisa realizada parece auxiliar na percepção de que o trabalho dos repositórios digitais é bem visto e aceito por pesquisadores do campo da História da Educação, em diferentes níveis de formação e atuação, com amplitude nacional, e que são coerentes em seus argumentos positivos e negativos sobre perspectivas de pesquisa em acervos digitais. Obviamente este é um tema com ainda muito potencial de discussão e pesquisa, mas se espera que a pesquisa realizada tenha sido capaz de reunir e discutir algumas impressões e interpretações iniciais sobre o tema de forma a contribuir com novas problematizações futuras.

Obviamente, muitos pesquisadores do campo da História Digital da Educação e dos repositórios digitais têm buscado produzir uma literatura necessária para ajudar nas análises sobre fazer historiográfico com fontes documentais físicas ou digitais e para as questões apontadas nesta pesquisa. No entanto, dada a amplitude das respostas e inúmeras possibilidades de problematizações, aqui optou-se pela apresentação e discussão da perspectiva dos participantes

da pesquisa como uma oportunidade de levantar questões sobre as possibilidades do fazer historiográfico daqueles que se utilizam dos repositórios digitais, sem a pretensão de traçar respostas, mas visando provocar inquietações para aqueles que pesquisam e trabalham para viabilizar o funcionamento e as potencialidades desses espaços de armazenamento de documentos digitais.

4 Considerações finais

O trabalho com fontes digitais é uma realidade para o historiador e um campo fértil de discussões e teorizações a partir da perspectiva da História Digital da Educação. Nesse sentido, buscou-se discutir novas formas de compreensão do fazer historiográfico, com destaque para a questão da percepção sobre a materialidade dos documentos digitais e, especialmente, para a mudança na concepção do conceito e da possibilidade de atuação à medida que o documento digital assume um novo formato, trazendo novos desafios para pesquisadores do campo da História da Educação.

E, embora o centro da discussão possa estar nos documentos, é preciso ressaltar que a experiência vivida pelo historiador, obviamente diferente daquelas vividas em acervos físicos, precisa e deve também ter "sabor" de inquietação e de descoberta, com o mesmo rigor metodológico e técnico que garante segurança e credibilidade às pesquisas realizadas. Neste sentido é que se espera que a pesquisa realizada para este artigo possa ser interpretada como um subsídio técnico na avaliação de pontos a serem considerados pelos repositórios digitais na condução de seu trabalho de modo a atender as necessidades e os anseios daqueles que pesquisam digitalmente.

Por fim, ressalta-se a intenção ao utilizar o exemplo das práticas adotadas no Repositório Digital Tatu: como um espaço de digitalização e divulgação de acervos, mas também como mais uma possibilidade de discussão sobre o trabalho realizado, entendido como uma opção multidisciplinar, com constituição técnica de baixo custo e que se apresenta como uma alternativa

de conservação e ampliação de possibilidades de pesquisa em História da Educação e que, em constante debate e aprimoramento, vem discutindo modos de resolver questões técnicas e teóricas sobre o trabalho que executa.

Este artigo espera, então, ter sido capaz de problematizar as relações, os desafios e as tensões do fazer historiográfico em pesquisas que utilizam acervos digitais, demonstrando que a adoção de estratégias, resultantes de discussões teóricas e atenção às necessidades dos pesquisadores da área, podem ser um caminho viável para a consolidação da História Digital da Educação e, principalmente, para a superação de desconfiças e inconsistências dos acervos digitais, ampliando as possibilidades de pesquisa e construção de conhecimentos sobre a história da educação.

Referências

BICA, Alessandro Carvalho; GERVASIO, Simôni Costa Monteiro; RODRIGUES, Tobias de Medeiros. A materialidade dos acervos históricos e o trabalho de preservação digital: o caso do Repositório Digital Tatu. *RESGATE - Revista Interdisciplinar de Cultura*, [s. l.], v. 31, p. 1-21, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8671148/32442>. Acesso em: 26 jul. 2024.

BICA, Alessandro Carvalho; RODRIGUES, Tobias de Medeiros; GERVASIO, Simôni Costa Monteiro. Tatu Magazine: Os modos de ser e fazer do Repositório Digital Tatu. *História da Educação*, Porto Alegre, v. 23, p. 1-18, jan. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/88290>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/88290/pdf>. Acesso em: 26 jul. 2024.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros*: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

EIROA, Matilde. O passado no presente: conhecimento historiográfico em fontes digitais. *Ontem*: revista de história contemporânea, Madrid, v. 110, n. 2, p. 83-109, 2018. DOI: 10.55509/ayer/110-2018-04. Disponível em: <https://www.revistasmarcialpons.es/revistaayer/article/view/el-pasado-en-el-presente-el-trabajo-historiografico-en-las>. Acesso em: 20 abr. 2025.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2009.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Território Plural* – a pesquisa em História da Educação. São Paulo: Ática, 2010.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIRES, Rafael Lopes; AMORIM, Sara Raphaela Machado de. História digital e o ofício do historiador: Modos de ser e fazer no repositório da revista Pour l'ère nouvelle. *Holos*, [s. l.], v. 37, n. 8, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11773/pdf>. Acesso em: 26 jul. 2024.

RODRIGUES, Tobias de Medeiros. *As contribuições do Repositório Digital Tatu da Unipampa para a pesquisa e pesquisadores em história da educação*. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2020.

SANTOS, Daise Silva. Arquivos Digitais: possibilidades de pesquisa no campo da História da Educação. *Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*, Teresina, v. 3, n. 2, p. 4-19, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/2369/2163>. Acesso em: 26 jul. 2024.

VIDAL, Diana. O livro e a biblioteca, o documento e o arquivo na era digital. *Revista História Da Educação*, [s. l.], v. 6, n. 11, p. 53-64, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30598>. Acesso em: 26 jul. 2024.

VIDAL, Diana. XII EMHE-Solenidade/Conferência de Abertura. *Youtube*, [s. l.], 6 jul. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kQk6-D4gpsE>. Acesso em: 26 jul. 2024.

Alessandro Carvalho Bica

Professor Associado da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) na área de Educação desde outubro de 2007. Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2014), mestre em Educação (2006) e licenciado em História (1997) pela Universidade Federal de Pelotas; Diretor da Unipampa, *Campus Bagé* (Gestão 2021-2025); docente permanente no Programa de Mestrado/Doutorado Acadêmico em Ensino (Unipampa/Bagé); sócio da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e membro do GT de História da Educação, Consultor da Diretoria de Avaliação da Educação Básica (DAEB) INEP para avaliações em larga escala. Coordenador do Grupo de Pesquisa PORTAL DO BICENTENÁRIO (Região Sul) e Líder do Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos (PHERA Unipampa/Bagé). Coordenador dos Projetos: Repositório Digital TATU (<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu>) e Patrimônios Educativos, Instituições Educativas e Acervos Históricos e suas interfaces com Memórias Escolares e Culturas Escolares. Possui experiência e interesse nas seguintes áreas de pesquisa: História da Educação; Repositórios Digitais, Acervos Escolares/Históricos, Patrimônios Educativos/Escolares e Impresses Pedagógicos/Imprensa de Educação.

Simôni Costa Monteiro Gervasio

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), 2024; mestre em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa (PPGMAE), 2019; especialista em Gestão e Orientação e Supervisão Escolar pela Faculdade Educacional da Lapa (FAEL), 2021; especialista em Educação e Diversidade Cultural pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa), 2017; especialista em Educação e Diversidade Cultural pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa), 2017; pedagoga (Licenciatura) pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), 2012; graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo (Bacharelado) pela Universidade da Região da Campanha (Urcamp), 2009.

Endereço para correspondência

ALESSANDRO CARVALHO BICA

Av. Maria Anunciação Gomes Godoy, 1650, 96460-000
Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil

SIMÔNI COSTA MONTEIRO GERVASIO

Av. Maria Anunciação Gomes Godoy, 1650, 96460-000
Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil

Como citar este artigo

Carvalho Bica, A., & Costa Monteiro Gervasio, S. O fazer historiográfico digital e a perspectiva de trabalho do Repositório Digital Tatu, Unipampa-Bagé (RS). Estudos Ibero-Americanos. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2026.1.46745>

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.